

FORMAÇÃO HUMANA E CIFRAS DA TRANSCENDÊNCIA: O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE KARL JASPERS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ESPIRITUAL

Maria Juliana Pereira de Lima¹

RESUMO: As cifras são uma “realidade” espiritual e possibilitam ao ser tomar decisões existenciais que fazem parte daquilo que lhe é eterno. Como pode o educador de hoje, desenvolver situações que possibilitem ao educando uma maior compreensão das cifras da transcendência propostas pelo filósofo Karl Jaspers? A partir de uma análise dos conceitos fundamentais desse filósofo, buscamos compreender como a formação humana pode possibilitar ao educando a análise da sua historicidade existencial. Contribuindo, dessa maneira, para que o indivíduo encontre uma identidade própria, gerando um autoconhecimento que não pode ser apreendido objetivamente, por ser um processo intrínseco a cada indivíduo. Para Jaspers, esse autoconhecimento aparece como parte do curso da vida de cada um que está certo de si na identidade de cada existência possível e se constitui como uma maneira do ser humano encontrar a sua liberdade diante de sua transcendência. Pretendemos contribuir com elementos que ampliem a compreensão filosófica do que é formação humana e como as cifras da transcendência, enquanto linguagem existencial, podem contribuir para a prática de uma educação espiritual.

Palavras-chave: cifras da transcendência, formação humana, educação espiritual.

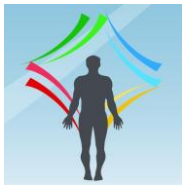
HUMAN FORMATION AND CIPHERS OF TRANSCENDENCE: THE PHILOSOPHICAL THOUGHT OF KARL JASPERS IN THE CONSTRUCTION OF SPIRITUAL EDUCATION

ABSTRACT: The ciphers are a spiritual "reality" and enable the human beings to make existential decisions that are part of what it is eternal for them. How can the educator today, develop situations that allow the student a greater understanding of the ciphers of transcendence proposed by the philosopher Karl Jaspers? From an analysis of the fundamental concepts of this philosopher, we seek to understand how the human can enable the student to analyze their existential historicity. Contributing in this way for the individual to find their own identity, generating a self-knowledge that cannot be grasped objectively, due to the fact that it is a process intrinsic to each subject. For Jaspers, this self-knowledge appears as part of the life course of each one that is sure about oneself in the identity of each possible existence and constitutes itself as a way of human beings find their freedom before their transcendence. We intend to contribute with elements to enhance the philosophical understanding of what is human formation and how the ciphers of transcendence, as existential language, can add to the practice of spiritual education.

Keywords: ciphers of transcendence, human formation, spiritual education.

1

Participa como mestranda do programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal de Pernambuco, estando incluída no Núcleo de Educação e Espiritualidade, onde recebe orientação do Prof.Dr Ferdinand Röhr.



INTRODUÇÃO

Atualmente estamos inseridos em um sistema educacional que tem como objetivo formar uma sociedade baseada na obtenção de conhecimentos científicos. Esses conhecimentos se ligam às novas técnicas de ensino envolvendo práticas dinâmicas baseadas nas chamadas ciências da educação, como por exemplo, a psicologia da educação, a sociologia da educação, a antropologia da educação, etc. Porém, buscamos compreender a educação como uma ciência que possui em si um objeto de pesquisa próprio e não apenas como um campo de atuação de outras ciências. Diante disso o objetivo da educação não se resume apenas em transmitir conhecimentos, mas em ir além, proporcionando ao educando o desenvolvimento de uma prática que possua, em sua essência, uma intencionalidade que vise à humanização do homem, examinando, atentamente, todas as dimensões que o formam. A formação do indivíduo, em sua integralidade, deve ser o objetivo principal do educar, pois nessa formação integral, todas as dimensões, que compõem o humano, serão atendidas em suas necessidades e, para isso, faz-se de valor a influência a filosofia existencial de Karl Jaspers, na busca da compreensão do ser humano.

O homem possui perguntas fundamentais que mobilizam a sua busca por respostas que lhe dêem sentido à vida. Segundo Jaspers (1968), o pensamento original filosófico se apresenta como a base do verdadeiro ponto de partida do pensamento existencial que busca os sentidos do humano, pois contribui para que o homem abandone um viver ingênuo e tente compreender essa operação filosófica fundamental em busca do ser que ele é verdadeiramente, participando, desse modo, de um processo de auto formação. Mas para que esse pensamento ocorra de maneira que toque a existência do ser humano, é fundamental que ele seja questionador, para que, assim, haja a possibilidade do sujeito compreender a si mesmo. Para Karl Jaspers (1968), essa maneira de autoconhecimento, encontra a sua forma mais madura na elaboração daquilo que ele chama de *Periechontologia* que significa a doutrina das maneiras como o ser humano – ou como Jaspers o chama, o Todo-abrangente / englobante – se apresenta. Se quisermos saber algo sobre o ser humano, temos de nos conter com as maneiras como ele se revela para nós e isso acontece em sete modos distintos: na existência empírica (*Dasein*), na consciência em geral (*Bewusstsein überhaupt*), no espírito humano (*Geist*), no mundo (*Welt*), na existência (*Existenz*), na transcendência (*Transzendenz*) e finalmente na razão abrangente (*Vernunft*).



Duas divisões fundamentais agrupam as maneiras do abrangente. O abrangente que nós somos é representado em seu lado imanente pela consciência em geral, pela existência empírica e pelo espírito humano e em seu lado transcendente pela existência. O abrangente que o ser é pode ser representado pelo mundo em seu lado imanente e pela transcendência em seu lado transcendente propriamente dito. A razão abrangente liga todos os modos do abrangente, permitindo uma comunicação. Essa comunicação não é a comunicação prática do cotidiano, nem da ciência, pois estas apenas comunicam dados objetivos onde os sujeitos do diálogo não se acham comprometidos pessoalmente (HERSCH, 1978).

Essa comunicação não é captada de “forma direta, mas indiretamente na forma de cifras” (RÖHR, 2003). Por não ser uma linguagem objetiva (própria da consciência em geral), as cifras só falam de transcendência à existência, logo é uma linguagem que tem como função a mediação entre o imanente e o transcendente do ser humano, como diz Jaspers

Las representaciones, imágenes, y pensamientos en el medio de la conciencia en general en los que yo como ‘possible existencia’ escucho el lenguaje de la trascendencia, los denominamos *cifras de la trascendencia* (JASPERS, 1968).

Logo, essa verdadeira comunicação existencial que se dá a partir das cifras (HERSCH, 1978), possibilita o contato do meu eu com outro eu estabelecendo uma relação de criação recíproca baseada na troca de experiências, entre as duas existências, através da linguagem cifrada (JASPERS, 1932). A transcendência, em si, não se pode conhecer, pois esta é inacessível ao ser humano empiricamente. Contraposta a ela está o mundo, que é imanente, sendo, por isso, reconhecido na realidade empírica. É entre esses dois modos do abrangente que as cifras da transcendência se encontram, apontando ao ser algo da transcendência no mundo, possibilitando assim que ele encontre-se existencialmente. Sendo assim as cifras não são uma forma de conhecimento, mas podem ser compreendidas como uma interpretação, onde a sua verdade está relacionada com a existência do ser humano e enquanto existência, orientamos o nosso pensamento em busca da transcendência por meio dessas cifras, escutando a sua linguagem, que nos permite uma comunicação existencial com outras existências possíveis (JASPERS, 1968).

Ao falarmos das cifras não estamos tratando de coisas ou realidades empíricas, mas sim dos conteúdos que compõem a essência cifrada através de situações que transmitem o encontro de um significado para as questões fundamentais da vida humana. Portanto, o passo



que leva o homem a atingir a transcendência, se transformando em si mesmo, se dá no momento onde o homem encontra a sua liberdade existencial. Pois, o encontro com a sua liberdade faz com que ele aumente o compromisso com a sua existência, resultando, assim, também no aumento da responsabilidade com as cifras que o direcionam a transcendência. A liberdade, proposta por Jaspers (1968), diferencia-se da liberdade arbitrária na qual prevalece apenas o querer pleno do indivíduo, baseado apenas em escolhas aleatórias e sem reflexão. Jaspers fala de uma liberdade do ser baseada no sentido da vida humana. Logo, a liberdade passa a ser algo que na sua fenomenicidade vai além do fenômeno e nas cifras vai além das cifras, pois não é algo plausível de explicações empíricas. A liberdade só é encontrada diante da transcendência e, para que isso ocorra, faz-se necessário a interligação dos modos do abrangente que é o ser humano; é no instante em que nos certificamos da liberdade autêntica de nós mesmos que adquirimos, a tempo, a certeza de que a liberdade não é por si mesma, mas sim, um presente do ser se certificando da transcendência por meio da qual é.

Alcanço a liberdade quando me descubro como existência possível e estabeleço uma relação com o lado transcendental do ser que sou eu mesmo e esse contato com o lado transcendente é estabelecido pelas cifras através de sua linguagem. As cifras são uma “realidade” espiritual e possibilitam ao ser tomar decisões existenciais que fazem parte daquilo que lhe é eterno. Desse modo o educador deve buscar em sua prática desenvolver situações que possibilitem ao educando uma maior compreensão das cifras da transcendência. Possibilitar ao educando a análise da sua historicidade existencial contribui para que o indivíduo encontre a sua identidade própria, gerando um autoconhecimento que não pode ser apreendido objetivamente, pois é um processo intrínseco a cada indivíduo. Esse autoconhecimento aparece como parte do curso da vida de cada indivíduo que está certo de si na identidade de cada existência possível e é a partir de uma linguagem cifrada que o educador poderá proporcionar uma maneira do seu educando encontrar a sua liberdade diante de sua transcendência.

A presente pesquisa teve como objetivo principal a análise do conceito de Cifras da Transcendência no pensamento filosófico de Karl Jaspers e suas implicações para o processo de educação que tem em vista a Formação Humana, refletindo, a partir disso, sobre as condições necessárias para o desenvolvimento de uma Educação Espiritual a partir do pensamento de Jaspersiano.



Na tentativa de identificar os possíveis auxílios pedagógicos para o existir diante das Cifras da Transcendência foi adotada a hermenêutica como metodologia de pesquisa. A leitura dos textos foi realizada buscando se basear na ideia do ciclo hermenêutico, o qual demonstra que para se compreender algo, é necessário partir de conceitos anteriores (pré-conceitos) que possibilitam uma compreensão gradativa e sempre mais clara do objeto de estudo, favorecendo, assim, a construção de uma estrutura dialógica que foi acompanhada pelo orientador em cada passo da pesquisa. A concepção da fenomenologia de Rezende também auxilia o processo de produção interpretativa. É impossível entender os aspectos existenciais de uma filosofia como a de Jaspers, sem fazer análises fenomenológicas da própria existência. O imperativo da fenomenologia, de voltar às próprias coisas, obriga o pesquisador na análise dos textos, a permanecer numa constante comparação com as próprias vivências correspondentes. Além disso, a fenomenologia de Rezende auxilia de evitar reducionismos (que consiste em focalizar apenas um aspecto do fenômeno em detrimento de outros) para que não cheguemos a conclusões dogmáticas que se contrapõem à ideia de *periechontologia* presente no pensamento de Jaspers. Logo, o uso da hermenêutica de Coreth aliada à fenomenologia de Rezende possibilitou, no processo de aquisição de conhecimento e produção literária, a ampliação da compreensão nas reflexões direcionadas ao campo pedagógico existentes em nossa pesquisa.

A ESSÊNCIA DAS CIFRAS NO PENSAMENTO DE KARL JASPERS

Podemos iniciar a discussão nos questionando qual a importância da Filosofia em nossas vidas e como ela pode fazer parte das relações educacionais. Há muito se discute o valor da filosofia. Para alguns ela é a fonte de respostas para as perguntas que dizem respeito à essência do ser humano, para outros ela não tem um objeto específico e por isso acaba sendo rejeitada cientificamente. Para uns, filosofar é algo simples, que se realiza facilmente no indivíduo, para outros a filosofia consiste numa prática reflexiva profunda, envolta de complexidades que a deixam excessivamente desnecessária. Diferentemente da ciência, a filosofia não alcança resultados de validade geral, pois tais conceitos deixam de fazer parte do domínio filosófico e passam a “se referir ao domínio particular do que é susceptível de conhecimento.” (JASPERS, 1997).

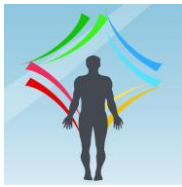


As perguntas fundamentais elaboradas pelo ser humano impulsionam a sua busca por respostas significativas à sua existência e essas respostas nós não as encontramos no meio científico. A filosofia traz em si um modo de certeza que não se baseia em comprovações empíricas, mas que diz respeito à totalidade do ser, indo além das teorias científicas e que o abrange sua existencialidade. O pensamento original filosófico é a base para que o homem abandone um viver ingênuo e tente compreender essa operação filosófica fundamental em busca do ser que ele é. Segundo Jaspers, essa operação filosófica pode ser encontrada, por exemplo, nas perguntas feitas pelas crianças. Essas perguntas trazem em si um filosofar espontâneo onde “Não é raro ouvir-se da boca das crianças algo que, pelo seu sentido, mergulha directamente nas profundezas do filosofar” (JASPERS, 1997. p.11).

Em seu livro “Iniciação Filosófica”, Karl Jaspers (1997) diz que o impulso original da filosofia é “multímado”, pois ele surge do *espanto* do homem diante das coisas que lhe são estranhas, fazendo-o consciente de sua ignorância e levando-o a interrogações em busca de um conhecimento verdadeiro. Porém o conhecimento aqui alcançado não é totalmente seguro e, a partir da *dúvida* diante do que se conhece, surgem comprovações críticas que possibilitam uma maior certeza sobre o que está sendo pensado. No momento em que a dúvida é esclarecida, o ser humano se satisfaz na aquisição de conhecimentos objetivos, mas no que se refere a si mesmo ele precisa, enfim, tomar consciência de si enquanto existência possível. Da *comoção do homem* e da consciência da sua fraqueza, deriva o questionamento relativo a si próprio e é no momento em que tentamos entender pessoalmente o que é a filosofia e dentro disso o que somos, que nos chega o pensamento filosófico original.

Certifiquemo-nos de nossa situação humana. Estamos sempre em determinadas situações. Estas modificam-se, surgem novas oportunidades; se as desperdiçamos, não tornam a oferecer-se. Por mim posso agir para alterar a situação. Há, porém, situações que se mantêm essencialmente idênticas, mesmo quando a sua aparência momentânea se modifica e se oculta a sua força avassaladora: tenho que morrer, tenho que sofrer, tenho que lutar, estou sujeito ao acaso e incorro inelutavelmente em culpa. A estas situações fundamentais da nossa existência damos o nome de <<situações-limite>> (JASPERS, 1997, p.21).

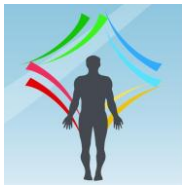
Essas situações-limite proporcionam experiências que dão um novo sentido à existência. Tais situações são fundamentais para a origem da filosofia, pois, como cita Jaspers (1997) elas estimulam o ser a transpor obstáculos que atualizam a sua existência,



possibilitando uma aprendizagem que modifica a própria consciência do ser em relação à sua vida. Isso quer dizer que a existência não se atualiza na abstração vazia, logo, é nas situações-limites que a existência encontra-se possível, pois depara o homem com sua finitude, levando-o ao encontro da transcendência. “Vemos nos enigmas² a linguagem de todas as coisas. Talvez ambígua e fluida, mas proclamando que o fim não é necessariamente o desespero.” (JASPERS, 1965. p.112), portanto as situações-limite não devem ser encaradas como barreiras intransponíveis, mas sim como experiências que incentivam o indivíduo a encontrar-se a si mesmo dentro do seu próprio fracasso. É no instante em que o homem se depara com essa situação de fracasso que ele poderá agir de modo a fundamentar a sua evolução diante da transcendência.

A transcendência é alcançada pelo ato consciente de liberdade, que possibilita o homem ter certeza de sua existência. A transcendência é indeterminada e impensável, mas dizemos que ela existe sem sabermos empiricamente o que ela é, assim como a fé cristã fala de Deus, mesmo sem possuir as mesmas provas reais de sua existência. A fé em Deus é suficiente para que o crente acredite que ele exista, já a fé existente no pensamento jasperiano é chamada de Fé Filosófica, que, como diz Hersch (1978) é “a existência segura de sua liberdade em face da transcendência, realizando-se na comunicação entre possíveis existências”. A fé é uma certeza que guia (JASPERS, 1968) e que não pode ser imposta pelo raciocínio e nem exposta como conteúdo. Ela é o fundamento de todo o conhecimento, também podendo ser chamada de *abrangente*. Diferentemente da fé revelada, que consiste na revelação presente na bíblia e afirma uma verdade única e geral; a fé filosófica dá ao homem a liberdade de decisão de seus atos, para que assim ele vivencie a sua transcendência tornando-se um sujeito livre e consciente de sua existência. A transcendência é o abrangente de todo abrangente e que, como diz Jaspers, é fundamentada pelas verdades presentes em cada um de seus modos. Os três modos do abrangente (consciência em geral, existência empírica e espírito humano) nos integram no mundo e quando reduzidos à realidade objetiva atuam como objetos de investigação biológica, psicológica e sociológica, mas não abrangem o ser-em-si, que é mais que a realidade empírica, é também uma existência possível, sendo o *abrangente* a transcendência.

2

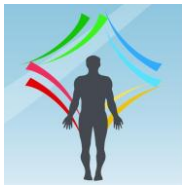


O ser humano não pode ser apenas o objeto de nossas pesquisas filosóficas, é na cisão entre sujeito e objeto que o *abrangente* se manifesta e se quisermos saber algo sobre ele, temos que nos limitar às maneiras como ele se revela para nós. Jaspers estuda o *abrangente* em três perspectivas: na do sujeito, que se refere ao *abrangente* que somos ou que podemos ser, a partir da *existência empírica (Dasein)*, da *consciência em geral (Bewusstsein überhaupt)*, do *espírito humano (Geist)* e da *existência (Existenz)*. Na do objeto, ligada ao *abrangente* que o ser é como *mundo (Welt)* e como *transcendência (Transzendenz)* e na do todo que mostra a vinculação de todos os modos do *abrangente* em nós a partir da *razão abrangente (Vernunft)*. Cada um deles se relaciona entre si, contribuindo para que o ser humano seja formado a partir de duas divisões fundamentais: a que separa o lado subjetivo do lado objetivo e a que separa o lado imanente do transcendente. O *abrangente* que nós somos define o lado subjetivo do ser e é representado pela existência empírica, pela consciência em geral e pelo espírito que são a nossa imanência e pela existência que faz parte da nossa transcendência. O lado objetivo é representado pelo *abrangente* que o ser é, sendo o mundo a forma imanente e a transcendência o transcendente propriamente dito (JASPERS, 1968). A razão abrangente, como sétimo modo do abrangente, se apresenta como a ligação entre todos esses modos para que o ser humano alcance a transcendência. Isso pode ser notado a partir da tabela abaixo, feita por Karl Jaspers para facilitar a compreensão do abrangente:

Tabela 1 – Modos do Abrangente

	O abrangente que nós somos	O abrangente que o ser é
Imanente	Consciência em geral Existência empírica Espírito Humano	Mundo
Transcendente	Existência	Transcendência
Razão abrangente		

Cada um desses modos se relaciona entre si, contribuindo para que o ser humano seja formado, tendo, cada um dos modos do abrangente, características próprias que os definem e os completam. Portanto, podemos dizer que a consciência em geral é o abrangente que eu sou, que nós somos, apresentados como uma consciência em comum da qual todos, mais ou menos, participam (JASPERS, 1968. p.106). Essa consciência se constitui como um saber comum que tem participação fundamental na racionalidade científica, atuando sobre o



entendimento diante dos objetos concretos que são apreensíveis, proporcionando assim um conhecimento que é válido cientificamente. É a partir da consciência em geral, que passamos a ter clareza sobre a nossa consciência empírica, podendo assim conhecer a todas as possibilidades que nos rodeiam, na imanência do mundo em que vivemos. A existência empírica (*Dasein*) é a realidade na qual deve entrar tudo o que é real para nós assim como a consciência em geral é o local no qual entra tudo aquilo que deve ser pensado, sendo o único modo do abrangente que pode se desvincular dos outros, pois como acontece com os animais, ela existe sem precisar refletir sobre si mesma. Porém, não somos apenas existências empíricas, mas também espírito. O espírito humano é tudo aquilo que a consciência do homem pensa e que encontra reproduzido pela reflexão de unidades compostas, culturalmente estruturadas. Podemos dizer que o espírito é a “função que estrutura e constrói essas unidades” (HERSCH, 1978). O sujeito do espírito humano é a fantasia, que cria as ideias tornando os símbolos compreensíveis e se realiza no mundo através de obras de arte, da poesia, das leis e de valores, operando as realidades objetivas e criando outras novas. Sendo o espírito o desenvolvimento de construções por meio da fantasia, Jaspers (1968) o diferencia da racionalidade presente na consciência em geral e da existência empírica pelo fato dele não ser produzido por meio de instrumentos.

A existência empírica, a consciência em geral e o espírito humano se correspondem entre si, mas ainda não nos satisfazem plenamente, pois falta um fundamento do ser em si, pelo qual eu me produzo a mim mesmo livremente em comunicação com outro ser em si, me tornando uma “existência possível”. Torna-se existência a partir do momento em que o indivíduo passa a compreender o seu próprio ser e a sua liberdade a partir das possibilidades de seus atos. A existência não possui nenhuma objetividade apreensível, mas necessita dos três modos imanes do abrangente para manifestar-se e para se certificar neles daquilo que já somos, produzindo uma mutação mostrando-nos, então, o que podemos chegar a ser. Isso faz da existência, não um poder e sim uma possibilidade de ser eu mesmo a partir de minhas atitudes e decisões, me diferenciando de outras existências pela minha liberdade. A liberdade aqui apresentada não deve ser entendida no sentido arbitrário do EU QUERO, mas vinculada ao comprometimento do que se escolhe, pois a escolha define algo de mim e quando faço algo que não condiz comigo, afasto-me de minha existência. Logo, a liberdade está subordinada à transcendência, pois me proporciona uma aproximação existencial com aquilo que verdadeiramente sou. Para Jaspers:



(...) el poder ser de la ‘existencia’ se entiende como ser absoluto, como si sólo llegara a ser a partir de la nada por medio de la elección, y este ser precisamente, esto contradice la experiencia fundamental histórica: la existencia es el poder ser de la decisión en el serse regalado a sí mismo, mas no a partir de lo nada, sino ante la trascendencia.(p.114, 1968).

A transcendência, por si, não representa um ir para fora do mundo empírico, ao contrário, é por ela e para ela que o homem “se aventura na realidade possível do presente”, como diz Hersch (1978), descobrindo então o que é. Portanto, podemos encontrar na filosofia jasperiana o conceito de transcendência que não tem como seu fundamento a representação de uma forma de evasão do mundo concreto da experiência. Pelo contrario, é por causa da transcendência e voltado para ela que o ser humano poderá realiza a leitura das cifras da transcendência presentes no mundo. Desse modo devemos ter em mente que a experiência da transcendência não se dá de forma independente do mundo no qual estamos inseridos, mas sim, somente em relação ao mundo e aos objetos presentes no mundo que o ser humano poderá “romper a ‘solidez’ de uma manifestação meramente objetiva para fazer ‘transparente’ a transcendência” (MELO, 2009). Esse dois modos do abrangente (o mundo e a transcendência) não são produzidos por nós, pelo contrário, são eles que nos produzem. O mundo pode ser visto de duas maneiras: como realidade objetiva, permitindo que seja conhecido parcialmente e como meio “vital subjetivo” que seria um mundo reduzido à particularidade de cada um, que acaba por fragmentar a realidade (JASPERS, 1932).

A razão abrangente, como diz Jaspers, é o abrangente que está aberto a tudo e se encontra na busca incansável do sentido de todas as coisas, agindo na unificação dos modos do abrangente, impedindo que fiquem no isolamento, contribuindo para que o homem se realize construtivamente. A razão abrangente atua junto à existência e se move no mundo em busca da unificação que se encontra além do pensamento, atingindo uma importância transcendente que a torna a essência da filosofia. A razão abrangente liga todos os modos do abrangente, permitindo uma comunicação. (JASPERS, 1932. *apud* HERSCH, 1978).

Cada modo do *abrangente* aparece com uma origem própria, mas essa origem reclama a complementação de outra, interligando os modos em uma comunicação imprescindível para o todo. A necessidade de descobrir como tudo está relacionado, motiva o homem a buscar a compreensão do ser na unidade do *abrangente*, essa busca leva à razão abrangente. É pela razão abrangente que todos os outros modos do abrangente se ligam permitindo uma



comunicação com a transcendência. Essa comunicação não é a comunicação prática do cotidiano, nem da ciência, pois estas apenas comunicam dados objetivos, onde os sujeitos do diálogo não se acham comprometidos pessoalmente.

A verdadeira comunicação é outra coisa. É a *comunicação existencial*, a de uma experiência que procura comunicar-se com outra. Nesse caso não é mais a realidade empírica, nem a validade geral que conta, é a existência, os seus possíveis, a sua verdade, a sua situação, o seu enraizamento, o seu absoluto (JASPERS, 1932. *apud* HERSCH, 1978, p.23).

Essa comunicação não é captada de “forma direta, mas indiretamente na forma de cifras” (RÖHR, 2003) e para que seja compreendida a significação dessa linguagem é importante que o indivíduo não apenas se preocupe com a corporeidade de sua existência, mas também com aquilo que ultrapassa o seu viver empírico alcançando aquilo que Jaspers (1965) denomina linguagem da transcendência. As cifras só falam de transcendência à existência (HERSCH, 1978) possibilitando assim uma verdadeira comunicação entre existências, pois não é uma linguagem compreendida pela consciência em geral, tendo uma função mediadora entre o imanente e o transcendente do ser, não nos permitindo saber, de antemão quais, quando, nem como entramos em contato com a transcendência (JASPERS, 1965. p.115), como diz Jaspers “Las representaciones, imágenes, y pensamientos en el medio de la conciencia en general en los que yo como ‘possible existencia’ escucho el lenguaje de la trascendencia, los denominamos *cifras de la trascendencia*” (JASPERS, 1968).

As cifras não são um conhecimento, mas uma interpretação, onde a sua verdade está relacionada com a existência, elas nos perturbam e nos sustentam, mas apenas a experiência existencial desvenda os seus significados. Enquanto que na consciência em geral conhecemos os objetos a partir da investigação empírica, sendo independentes de nós e apreensíveis em conceitos precisos, ao falar das cifras não nos referimos a coisas ou realidades que possam ser definidas empiricamente, mas sim, a conteúdos existenciais. Não ousamos negar a importância da linguagem objetiva para o ser humano, isso seria despropositado. Pois o nosso pensamento cifrado é orientado até a transcendência por meio da consciência em geral, que nos condiciona a pensar em objetividades buscando maior clareza em nossas reflexões. (JASPERS, 1968)

É no instante em que o homem transforma a si mesmo que ele poderá se libertar da sua realidade generalizada e poderá escutar a linguagem das cifras em sua diversidade. Mas



quando podemos determinar esses instantes de contato transcendental? Simplesmente não podemos. A verdade existente na linguagem cifrada surge para nós no filosofar e na práxis da vida existencial e na relação com outras existências possíveis. Logo, essa verdadeira comunicação existencial que se dá a partir das cifras (HERSCH, 1978), possibilita o contato do meu eu com outro eu estabelecendo uma relação de criação recíproca baseada na troca de experiências, entre as duas existências, através da linguagem cifrada (JASPERS, 1932). Mas, essa linguagem cifrada não pode ser traduzida em uma linguagem “ordinária”, pois isso separaria o símbolo do simbolizado. Como diz Jaspers:

Quando falamos de sinais, de símbolos, de cifras, é preciso distinguir: um sinal tem um sentido definível, designa algo diferente, que é também diretamente acessível; um símbolo é, na sua plenitude, a presença sensível de outra coisa, presença na qual o significante e o significado são indissociáveis, de tal modo que o simbolizado, sem o símbolo, não teria realidade; uma cifra é a linguagem do ser transcendente, só acessível por meio da linguagem e não pela identidade da coisa e do símbolo no próprio símbolo (JASPERS, 1960).

A partir da diferenciação que Jaspers faz de símbolo, fenômenos e cifras, podemos dizer que os **fenômenos da realidade** são suscetíveis de serem descritos como validade geral, pois são comprovados através da capacidade sensorial do ser humano. Já o **signo da existência** pode ser considerado como a liberdade do abrangente, pois o homem reconhece, por meio dos signos, o que pode ser experimentado positiva ou negativamente. É uma forma de atuar “interiormente”, na qual o signo vai objetivar o pensamento através de resoluções próprias do indivíduo e de relações comunicativas. Portanto, a existência só se faz consciente de si mesma através dos fenômenos da imanência, mas, quando nos referimos à transcendência, essa não se manifesta na nossa realidade empírica; deparamo-nos com ela através da linguagem cifrada (JASPERS, 1968. p.154), portanto as **cifras da transcendência** compõem a linguagem da transcendência, que o ser humano, enquanto ‘existência possível’, escuta pela consciência em geral através de representações, imagens e pensamentos.

Lo que es fenómeno se piensa y describe por medio de conceptos. Lo que yo soy propriamente y puedo llegar a ser como yo mismo es captado en los signos. Aquello que es auténtica realidade y experimentable sólo para la “existencia” se hace presente em las cifras. (JASPERS, 1968. p.155).



Esses fenômenos não se desenvolvem separadamente. Para que cada um deles atue no homem é fundamental que haja uma interligação entre eles. Os fenômenos da existência têm o seu significado definido a partir de outro sinal que se apresenta acessível imediatamente ao homem. O símbolo, por sua vez, apresenta-se pela presença do outro, em plenitude intuitiva, na qual o significar e o significado são inseparavelmente um, estando o simbolizado unicamente no símbolo. A cifra, por sua vez, é a linguagem do transcendente, acessível só através da linguagem e não no próprio símbolo. Para Jaspers a

Cifra significa ‘lenguaje de la realidad, que sólo puede ser escuchada de esta manera y a la que sólo es posible referirse así.’ Diferentemente do símbolo, que “es una representación de algo, aun cuando este algo sólo pueda hacerse presente en el símbolo. (1968, p.156).

Usemos o conceito de liberdade para compreendermos essa diferenciação feita por Jaspers. Para ele, a liberdade é algo que na sua fenomenalidade vai além do fenômeno e nas cifras, vai além das cifras. Não sendo considerada como algo arbitrário, que se dedica a satisfazer desejos aleatórios, mas, sim, como algo vinculado ao comprometimento do que se escolhe diante da transcendência. A liberdade, para Jaspers, desperta no indivíduo uma busca por autoconhecimento diante da transcendência. Ela não pode ser reduzida apenas à livre ação do homem em sua realidade empírica, mas deve estar relacionada a uma escolha existencial que é significativa para o indivíduo. A escolha define o ser humano e, quando este atua de maneira que não condiz consigo, afasta-se de sua existência, afastando-se conseqüentemente da sua transcendência. Logo, a liberdade encontra-se subordinada à transcendência, pois para Jaspers ela nos aproxima da nossa existência, portanto...

No hay ninguna libertad de la “existencia” que se muestre como dada y como tal sea investigable. Pero esta libertad se hace presente em una certidumbre que se halla más allá de todos los fenómenos del ser mundano (JASPERS, 1869. p.157).

A liberdade se apresenta, então, como uma cifra da transcendência para o ser humano que se compromete existencialmente com ela e encontra na experiência das cifras, uma experiência própria da sua responsabilidade diante de si mesmo. Para Jaspers, a liberdade autêntica é aquela que se apresenta como um “presente” da transcendência ao ser humano, pois “la libertad, cuanto más decididamente se cerciore de sí misma, tanto más se cerciora

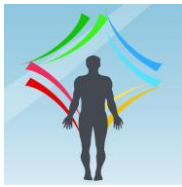


simultáneamente de la trascendencia por medio de la cual es” (JASPERS, 1968. p.157) não possuindo em si um modo de manifestação direto, mas sim *análogos de manifestação* que se constituem, para Jaspers como

determinadas actualizaciones que irrumpen a través de los fenómenos, aunque en sí mismas no se hagan objeto del saber como fenómenos. Y así podría decirse: al análogo de la “manifestación” de la libertad de la “existencia” em la realidad del hombre corresponde el análogo de una “manifestación” de la trascendencia em el lenguaje de las cifras. Y es que lo que se dice de la libertad en los signos no es comprensible a ningún entendimiento, sino únicamente al ser sí mismo de la “existencia” que en ello se reconoce a sí misma. Lo que habla en las cifras no es audible por ningún entendimiento que pretenda experiencias “reales” sensibles y puebras, sino tan sólo a la libertad de la “existencia”, a la que mediante este lenguaje se le comunica la trascendencia. (JASPERS, 1968. p.157).

Estruturalmente a cifra se diferencia em seu conteúdo dos fenômenos e dos signos pelo fato de não se referir a nenhum objeto, imagem ou fenômeno que esteja presente no mundo. A partir disso, nos questionamos como as cifras podem ser usadas como objetos de nossa curiosidade histórica e da nossa vontade de saber se elas não apontam e não significam nada presente no mundo? O homem se encontra imerso em uma cultura que o faz lembrar constantemente da sua historicidade. No próprio ambiente escolar a história do ser humano faz parte do currículo, mas não apresenta em si um conteúdo de caráter significativo, que faça o educando refletir sobre a sua existência diante do mundo. É através das cifras históricas, encontradas na mitologia e na revelação, que temos um conhecimento superficial que pode se transformar em um conhecimento profundo. Para Jaspers, essas cifras históricas tornam-se cifras da transcendência quando nos sentimos afetados por elas na própria existência. Nos instantes em que as tratamos apenas como conhecimentos superficiais, elas se encontram à nossa disposição, como um “material de limites imprecisos”. Já quando se transformam em um conhecimento profundo elas se

clasifican según la profundidad, el grado y el modo de la interpretación. Las cifras históricas nos hablan todavía en la actualidad, siempre que, captándolas en aquella su profundidad que nos sea accesible, nos abstengamos de fijarlas definitivamente y no tratemos su contenido ni como “realidad”, ni como saber impositivo. Si así lo hacemos, nos aclaran el horizonte y arrojan en el momento decisivo su haz de luz como lenguaje de la trascendencia. (JASPERS, 1968. p.153).



As cifras da transcendência não se apresentam para o homem através de uma realidade que lhe dê segurança diante de suas questões existenciais. Pelo contrário, elas se mostram como guias que ajudam o ser humano a compreender a transcendência. “Desse modo, vemos que a função das cifras é indicar a direção da transcendência, mas não como um único modo de compreensão, mas sim dentro da imprecisão que as cifras carregam em si” (MELO, 2009). Portanto é fundamental que a imprecisão das cifras seja captada, pois, assim, o homem se movimenta em meio a todas as suas possibilidades de encontro existencial. É na medida na qual o compromisso com a existência se eleva, que a nossa responsabilidade no trato com as cifras também adquire dimensões abrangentes. Adquirimos, dessa maneira, a consciência do reino infinito e existencialmente operante no mundo das cifras da transcendência, presente na poesia, na arte, na filosofia especulativa, nos mitos e na revelação. (JASPERS, 1968. p.153)

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DAS CIFRAS DA TRANSCENDÊNCIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Quando nos questionamos qual o sentido do educar em nossa sociedade, deparamo-nos com a educação como um processo de socialização, onde o educando é habilitado culturalmente para viver dentro de padrões sociais que exigem dele modos de comportamento e mão de obra para o trabalho. A educação escolar se fortifica com o seu objetivo de “formar para a cidadania”, mas qual cidadania está sendo formada em processos educativos que tem como foco principal a formação racional do indivíduo? O saber científico e seu caráter universalizante se tornaram as fontes do processo educativo ao qual estamos sujeitos, mas, diante disso, devemos nos questionar até que ponto esses métodos educativos estão contribuindo para a formação do ser humano enquanto existência possível e enquanto sujeito de diálogo.

Quando nos propomos à elaboração de uma educação que vise à integralidade do sujeito devemos deixar claro o que entendemos como “Integralidade”. O termo integralidade vincula-se no meio educativo tendo como sentido uma educação de tempo integral, onde o aluno é mantido na escola por mais de um turno. Porém...

Partindo do pressuposto de que o humano não se expressa só num dos múltiplos aspectos que constituem o homem, concretiza-se a meta educacional na busca da integralidade desses aspectos, no que tem de mais



humano. Podemos tentar compreender a integralidade humana a partir das mais variadas dimensões que essa envolve, quer dizer, da sua multidimensionalidade. (RÖHR, 2006. p.15).

Quando nos referimos à integralidade, estamos abrangendo nosso modelo educativo a todas as instâncias que permitam trocas dialógicas e formativas e que tenham em si o objetivo de formar os indivíduos na integralidade de seus modos. Essa formação não se restringe apenas à consciência em geral do educando e sua formação intelectual, ela necessita da integralidade dos modos do abrangente como um todo. Portanto a educação passa, a partir dessa necessidade, a ter como meta a busca da integralidade dos aspectos mais humanos do indivíduo (RÖHR, 2006) e o educador que pauta a sua prática pedagógica nessa meta deve, antes de tudo, trabalhar na sua própria integralidade.

O ser humano está condicionado no tempo e no espaço, mas sua vida consiste em uma constante busca por autorrealizar-se, deixando clara a possibilidade de sua existência enquanto ser consciente de si mesmo. Logo o homem está em constante formação e com isso não podemos dizer que ele está pronto e nem que nasce determinado, mas ele se atualiza de acordo com as suas vivências que o proporciona sempre a possibilidade de existir. Do mesmo modo que o ser humano, a educação também se apresenta como um “projeto não terminado”, pois se constitui como um processo de compreensão dos conhecimentos relativos ao ser humano em todos os seus modos, onde o ser busca compreender aquilo que realmente é tomando consciência de sua estrutura existencial (NEVES, 2002). No momento em que a educação adquire um caráter humanizante, podemos encontrar em sua estrutura pedagógica um projeto que leva o indivíduo a uma autorrealização que o constitui enquanto existência. Essa realização do si - mesmo realiza-se através do mundo diante do processo de humanização. Mas como falar de uma educação que vise à formação humana, tendo como pressuposto que o indivíduo tem como projeto de vida o encontrar-se a si mesmo? “O si - mesmo é a dimensão mais essencial da natureza humana e explica tudo quanto de autêntico há no homem” (NEVES, 2002). Para Jaspers a educação é um meio no qual o homem pode se realizar a partir da sua realidade histórica e da sua relação comunicativa com o mundo (JASPERS, 1968).

As cifras podem ser compreendidas como sinais da transcendência que precisam ser decifrados pelo educando, mas, para isso, é fundamental que ele, enquanto existência possível busque ultrapassar a cisão sujeito-objeto, a fim de ter acesso às cifras enquanto linguagem



transcendental. Compreender que a relação entre a existência e a transcendência ocorre por mediação, ou seja, só se efetiva através de sinais cifrados presentes no mundo, se mostra como uma maneira de conscientização do indivíduo diante da sua situação. Por isso, Jaspers afirma que: “vivemos num mundo de enigmas, onde o que é ‘autêntico’ deveria revelar-se a nós, mas não se revela e permanece oculto na interminável variação das significações.” (JASPERS, 1983. P.113). Delimitar o conteúdo das cifras, constituindo como são identificados esses sinais cifrados da transcendência mostra-se determinante para entender como a transcendência se faz presente para o homem e é nesse ponto que se encontra a dificuldade do educador de estabelecer relações significativas aos seus educandos.

É por isso que reafirmamos que a relação comunicativa que está sendo almejada deve estar pautada em uma troca existencial, possibilitando ao indivíduo compartilhar situações significativas para a sua existência. Deparamo-nos, então, com o seguinte questionamento: como o educador pode, em sua prática pedagógica, estabelecer uma relação que objetive a formação humana de seu educando? O importante no processo de identificação das cifras da transcendência é que o educador possibilita ao educando que este entre em “comoção”. Ou seja, que ele se sinta de algum modo, afetado por uma representação no mundo. Isso significava que a cifra só poderá ser decifrada pelo educando no momento em que ele se entregar a ela, dando-lhe um significado que, necessariamente ultrapasse a dimensão objetiva das coisas (MELO, 2009). Para a existência de uma prática pedagógica que vise à formação humana, é fundamental que o educador trabalhe em si mesmo a sua autoeducação, buscando a integralidade do seu abrangente. Apenas um indivíduo comprometido existencialmente com a integralidade do ser humano, pode contribuir para o desenvolvimento da formação humana do outro a partir das cifras da transcendência existentes nas perguntas fundamentais.

Encontramos aqui a fundamentação para pensar a formação humana em Jaspers. Se o homem se torna autenticamente humano quando for atingido existencialmente pelas questões fundamentais, a teoria educacional que visa à formação humana tem que refletir as condições em que esse processo se dá. Isso não com o objetivo de determinar uma metodologia pedagógica em que o acordar pode ser “feito externamente”. (RÖHR, 2005)

Não podemos mostrar ao outro o caminho que ele deve seguir para adquirir a sua “humanidade”. Mas, o educador que se encontra nesse processo de descoberta de si mesmo enquanto existência possível, pode possibilitar situações nas quais o educando se depare com a finitude das respostas para as situações-limites de sua vida. É na superação de barreiras que o educando passa a despertar em si um autoconhecimento e, assim, a autenticidade passa a



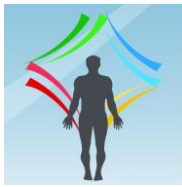
fazer parte de uma maneira de agir diante do outro, gerando no educando uma maior autoconfiança de suas decisões (RÖHR, 2004). Quando há o comprometimento com o desenvolvimento das dimensões do ser humano de forma proporcional e equilibrada (LEAL; RÖHR; POLICARPO JUNIOR. 2010. p.22) a educação passa a ser um processo de encontrar-se a si mesmo e esse encontro consiste em uma prática na qual o homem tem que ser autêntico, na busca de sua essência.

As tarefas educacionais se definem a partir da tarefa que está destinada ao educando e não são impostas pelas circunstâncias sociais, políticas ou econômicas. O educador tem que cuidar para que o educando não perca de vista esse seu caminho individual, sendo o estímulo para a autocontemplação a medida pedagógica a ser tomada (ROHR, 2001. p.4). A educação aqui passa a ter um caráter espiritual exatamente por ter em vista à formação integral do homem para que este se encontre como existência possível. Nesse ponto podemos aproximar o pensamento de Karl Jaspers ao do filósofo Martim Buber que também vê na integralidade do ser uma possibilidade de autonomia do indivíduo e dá-nos a possibilidade de concretização de uma educação espiritual que vise à transformação do humano.

Educação espiritual é educação para a co-responsabilidade com a plena realização dos entes e das coisas do mundo. E essa co-responsabilidade não está necessariamente contemplada nem mesmo nas metas modernas da educação que rejeitam a mera adequação ao sistema em vigor: a cidadania, a cooperação, a democracia, a paz, a luta pelos direitos humanos e das minorias. (Ibid., p. 10)

Através de tal prática educativa o educador passa a ter como objetivo principal o auxílio ao desenvolvimento das possibilidades existenciais do educando, estimulando a sua comunicação existencial com outras existências possíveis e o ajudando a partir de situações-limites a encontrar a sua própria Fé Filosófica. É na análise das questões que envolvem a fé filosófica que poderemos ter uma base para a compreensão do ser que é formado socialmente. O educador que visa ter uma atitude holística deve buscar a integralidade do abrangente que é o seu educando através de meios que trabalhem o seu lado espiritual, para que assim ele possa se encontrar como existência possível.

O educador, comprometido com a fé filosófica, tem apenas o papel de exercer a sua função, respeitando a liberdade do educando. Pois, é através da liberdade que o homem, encontra-se com sua transcendência e a educação passa a ser um processo dialético no qual



consiste a sua busca autorreflexiva, fazendo-o operante no mundo, a partir da sua própria originalidade (NEVES, 2002). No processo de autorreflexão o ser humano busca compreender aquilo, que para ele, pode ocasionar uma mudança de atitude diante de si mesmo e do outro. Essa busca por si mesmo, não deve ser uma busca isolada, pois, como diz Jaspers (1968, p.123), o ser humano se realiza enquanto existência possível dentro de uma comunicação entre existências possíveis e o ser que pensa e reflete deve agir no mundo, pois o mundo também é parte integrante do abrangente.

Fica claro que essa visão teórica tem como base os pressupostos da *Periechontologia*. Não temos como comprová-los cientificamente, pois a ciência não se mostra capaz de guiar a vida humana, deixando, por vezes, o indivíduo sem amparo diante de questões que são essenciais para a sua existência e as cifras da transcendência, usadas como categoria de análise da presente pesquisa, também não possuem validade geral como os saberes científicos, pois o modo como cada ser humano acessa a sua transcendência é algo único e está diretamente relacionado ao processo do existir de cada indivíduo. Dessa forma, é fundamental que o ambiente educacional, seja ele qual for, tenha em si uma função formadora do indivíduo e não apenas reprodutora de conhecimentos gerais, pois é essencial que a educação se fundamente no indivíduo em si e não somente no que o educador espera do seu educando. Portanto, em uma educação voltada para a integralidade do educando, é papel do educador orientar o seu educando para que este possa, em um processo formativo, realizar a si mesmo através de exercícios que revelem as suas verdades existenciais.

Deparamo-nos com nossas verdades existenciais quando estamos sujeitos a situações-limites que nos forçam a refletir sobre o significado da nossa realidade. Um educador que busque atuar espiritualmente com seu educando, tendo em vista a sua formação humana, deve estimulá-lo para que ele próprio desvele a sua realidade existencial, optando, moralmente, por alcançar o que realmente é verdadeiro e autêntico para a sua existência, interpretando as cifras pertencentes à transcendência.

O educando deve buscar o ser, a estrutura existencial que constitui a sua mesmidade, embora jamais possa ter a pretensão de que este processo acabe. Dar como acabada a actividade pedagógica é, em primeiro lugar, pensar que se alcançou a verdade - coisa de todo impossível - e, em segundo lugar, destruir a existência, o poder-ser, que não é jamais, e que, portanto, não pode concluir-se. (NEVES, 2002. p. 141)



A educação, enquanto objetiva a formação do educando, deve ser um processo que vise à integralidade do ser humano em todos seus modos e, para que o educando volte a si próprio o seu olhar de análise, é fundamental que o educador influencie positivamente esse processo. Em uma educação que forme humanamente o indivíduo, tem que ser levada em consideração a integralidade desse ser em todos os modos do abrangente que o formam. É no momento em que percebemos o homem em sua totalidade, que compreendemos a impossibilidade de transformá-lo em algo determinado e massificado. No momento em que o educador olha o seu educando como um todo, ele passa a respeitá-lo, estabelecendo uma relação pautada na confiança e na liberdade, fornecendo, dessa maneira, condições favoráveis para que aconteça uma educação pautada no autoconhecimento do educando através da linguagem cifrada existente em seu mundo significativo.

O educador deve apenas buscar atender pedagogicamente a todos os modos do abrangente, dando possibilidades para que os alunos transcendam formalmente, sem se fixar em parcialidades dogmáticas e sem interferir diretamente. A sua atuação pode ser feita através da comunicação de sua existência com a existência do aluno, ajudando-o a perceber que o mundo, enquanto realidade empírica, não sustenta um sentido para o homem, pois o “sentido da vida” não pode ser provado cientificamente. Como diz Jaspers:

“Donde experimento la trascendencia como real, allí soy yo como yo mismo, como existencia real. Mas cuando, como existencia empírica, conciencia en general o espíritu, afirmo la trascendencia como real, ésta es, antes bien, en el sentido de las realidades correspondientes a estos modos de lo envolvente, una ficción. En todos estos casos, la trascendencia resulta superflua o no es más que una ilusión” (p.136, 1968).

A partir daí, o sentido da própria vida deve surgir a partir de uma decisão própria, como um ato de liberdade e não como um achar-se no mundo imanente como um ser vivo. Para que uma situação ou um objeto presente no mundo se tornam cifras da transcendência é essencial que o ser humano transcenda os significados presentes em tais objetos e situações, decifrando, desse modo, os possíveis sinais que podem ali ser encontrados. “Para Jaspers cada existente, em sua singularidade, percebe, experimenta e vive a transcendência a sua maneira, interpretando e reinterpretando os sinais cifrados” (MELO,2009) e é a partir da experiência que o educando poderá ter acesso a sua liberdade, alcançando assim a sua transcendência. Compreender-se apenas como existência empírica, não o possibilitará uma compreensão além



da que é dada pela ciência, sendo a vida apenas uma representação sem sentido filosófico da existência do ser no mundo. As questões fundamentais devem levar o educando a acordar diante das cifras para que ele se ligue existencialmente a elas, o educador pode então proporcionar situações em que o aluno possa relacionar-se existencialmente com a transcendência, demonstrando a ele que as decisões que ele tem que tomar, de acordo com a sua existência, não são decisões aleatórias, mas sim influenciadas profundamente pela necessidade de transcender. As cifras passam então a atuar com um papel de grande importância para o educador, pois são elas que irão proporcionar as situações de comunicação entre ele e o seu educando. A partir da linguagem cifrada o educador poderá organizar situações em que seus educandos se deparem com momentos difíceis, como as situações-limites, ou com questionamentos essenciais que o façam pensar sobre os conceitos que são pré-estabelecidos socialmente e cientificamente. Para isso o educador não deve pressionar o seu educando a atingir a consciência em si, resta-lhe apenas apelar para que o educando seja livre diante da liberdade consciente de suas decisões, adquirindo assim uma fé filosófica que o direcione a transcendência.

De acordo com o que foi apresentado podemos então nos questionar até que ponto nós temos a possibilidade de considerar as cifras da transcendência, enquanto linguagem existencial, um possível caminho para o desenvolvimento de uma educação integral?

As cifras são objetos que estão no mundo, porém, a partir do momento em que esses objetos recebem significados que são dados pelo ser humano eles perdem o seu caráter meramente empírico e dão espaço à experiência da transcendência. Portanto, “a cifra só pode ser proposta por aquele que a ‘decifra’, sendo, desse modo, uma experiência individual e intransferível, se constituindo como um saber esclarecedor para aquele que entra em contato com ela” (MELO, 2009). A busca pela transcendência não é um modo de ser que alcançamos objetivamente, mas algo que passa a ter sentido para nós quando é clarificado pela reflexão de nossas atitudes. Não há uma orientação “certa” do que o educador deve ou não fazer para que seu educando se desenvolva existencialmente; essa orientação espiritual faz parte de uma prática pedagógica baseada na constante busca do educando por respostas para os seus questionamentos sobre si e sobre o mundo a sua volta. É nesse ponto da busca do educando que o educador deve contribuir para que ele se desenvolva espontaneamente e encontre um sentido além do empírico para a sua existência.



Diante disso, muitos se questionam o porquê de se deter em uma educação espiritual se nossa sociedade estimula uma educação científica?

É justamente na resposta dessa pergunta que o educador deve encontrar a sua motivação para trabalhar espiritualmente o educando. As outras dimensões humanas, como por exemplo, a psicológica, a física ou a sociológica, não são suficientes para responder as principais questões de nossas vidas, essas, por sua vez, estão diretamente ligadas à liberdade do ser humano e só são alcançadas quando este se certifica de sua existência. Logo, também é necessário que o educador viva em busca do contato com a sua transcendência, pois é a partir da comunicação entre existências possíveis que ambos, educador e educando, poderão trocar experiências e atuarem autenticamente como sujeitos livres.

Somente o indivíduo, em suas vivências, poderá realizar uma interpretação autêntica das cifras e com isso, por mais que tentemos, enquanto pesquisadores, elaborar um estudo de caráter científico sobre as cifras da transcendência, nossos resultados não terão empreendimento definitivos a fim de impô-las como elemento fundamental nas práticas educativas. Mas não deixamos de acentuar a importância do trato com as cifras da transcendência nas relações educacionais, pois é essencial que o educador se veja no processo constante de aproximação de suas cifras e perceba nisso uma possibilidade de proporcionar ao seu educando uma aproximação com o seu existir, contribuindo, desse modo, para que as duas partes presentes no processo (educador e educando) desenvolvam em si, dialogicamente, a sua formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1973.
- HERSCH, J. *Karl Jaspers*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.
- JASPERS, K. *Der philosophische Glaube*. Munique, 1948 *apud* HERSCH, J. *Karl Jaspers*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.
- _____. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. 5. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.
- _____. *La Fe Filosófica ante La Revelación*. Madri: Editorial Gredos, 1968.
- _____. *Iniciación filosófica*. 9. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.
- LEAL, A. L.; ROHR, F.; POLICARPO JUNIOR, J. Resiliência e espiritualidade: algumas implicações para a formação humana. *Conjectura: Filosofia e Educação* (UCB), v. 7, p. 11-24, 2010.
- MELO, F. A. *As Cifras da transcendência na filosofia de Karl jaspers*. Tese de Mestrado. Juiz de Fora. 2009.
- NEVES, I. M. C. A. *O homo educandus, ser agônico ou ser para a felicidade? O contributo da educação para o desvelamento da intencionalidade própria do homem enquanto ser-em-*



situação-limite. Dissertação de Mestrado em Filosofia da Educação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dezembro de 2002.

REZENDE, A. M. *Concepção fenomenológica em educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

RÖHR, F. *O Caminho do Homem segundo a Doutrina Hassídica, por Martin Buber - Uma contribuição à educação espiritual*. In: XXIV Reunião Anual da Anped, 2001, Caxambu. Anais da XXIV Reunião da Anped. Rio de Janeiro: Anped, 2001. v. 1.p.1-16.

_____. *Transcendência e Educação no Pensamento de Karl Jaspers*. In: XVI EPENN, 2003, Aracaju. Anais do XVII EPENN. Aracaju : Editora da UFSE, 2003. v. 1. p. 1-15.

_____. *Liberdade e Destino: reflexões sobre a meta da Educação*. Ágere (UFBA), Salvador, v. Ed esp, p. 1-18, 2004.

_____. *Formação Humana e cifras da transcendência uma contribuição de Karl Jaspers à educação espiritual*. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2005, Belém. XVII EPENN, 2005. v. 1. p. 1-10.

_____. *Esclarecimento e Reencarnação na educação do gênero humano de Gotthold Ephraim Lessing – Uma hipótese em torno da questão da meta da formação humana*. In: III Encontro de Filosofia do Norte e Nordeste, 2006, Recife PE. Anais do III Encontro de Filosofia do Norte e Nordeste, 2006. v. 1. p. 1-25

_____. *Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico da educação. Pro-Posições* (Unicamp), Campinas SP, v. 18, n. 1, p. 51-70, 2007.

_____. (org.) et.al. *Diálogos em Educação e Espiritualidade*. Recife: Editora Universitária, 2010.